





COROLÁRIOS DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO DE HUSSERL

COROLLARIES OF HUSSERL'S PHENOMENOLOGICAL METHOD

João Alfredo Melo dos Santos¹

 <https://orcid.org/0000-0002-5918-4604>

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2026.6.1.11482>

RESUMO: Este artigo tem por desígnio fazer uma releitura da estrutura do método fenomenológico proposto por Edmund Husserl (1859-1938). O autor tinha como objetivo compreender a dinâmica que envolve a relação entre consciência e fato no processo de produção de conhecimento. Sua fenomenologia tem por finalidade descrever o campo de nossa experiência sem que a consciência se desvie ou proporcione resistência ao objeto estudado. O método se inicia com a *epoché*, uma redução fenomenológica, uma suspensão de todo o conhecimento fundado na empiria – não se trata aqui de uma negação do conhecimento científico, mas uma desconsideração provisória da descrição da realidade segundo o discurso da filosofia, da ciência positiva e até mesmo da religião. A partir desse método rigoroso, chega-se à apreensão da consciência, que nos permite entender como fatos particulares podem ser apreendidos de forma que caracterizem conhecimento universal. Se quisermos nos apropriarmos da Fenomenologia husserliana devemos observar as motivações que a delimitaram enquanto atividade filosófica e que impuseram a esta atividade sua forma particular.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenologia. Consciência. Epoché. Intencionalidade.

Abstract: This article aims to re-read the structure of the phenomenological method proposed by Edmund Husserl (1859-1938). The author aimed to understand the dynamics that involve the relationship between consciousness and fact in the process of knowledge production. Its phenomenology aims to describe the field of our experience without consciousness deviating from or providing resistance to the object studied. The method begins with the epoché, a phenomenological reduction, a suspension of all knowledge based on empirics – this is not a denial of scientific knowledge, but a provisional disregard of the description of reality according to the discourse of philosophy, of positive science and even religion. From this rigorous method, we reach the apprehension of consciousness, which allows us to understand how particular facts can be apprehended in a way that characterizes universal knowledge. If we want to appropriate Husserlian Phenomenology, we must observe the motivations that delimited it as a philosophical activity and that imposed its particular form on this activity.

keywords: Phenomenology; Consciousness; Epoché; Intentionality; Eidetic Intuition.

¹ Mestre em Filosofia pela UFAL e Professor da SEDUC-AL. E-mail: alfred_skywalker@hotmail.com





INTRODUÇÃO

Quando Edmund Husserl (1856-1938) se vê diante da infundada pretensão do movimento positivista de subjugar a filosofia em favor da delegação de seus atributos à psicologia – o chamado psicologismo – esquadrinhará a possibilidade de estabelecer uma reformulação epistemológica (cf. Husserl, 1992, p. 02). Sua crítica, com efeito, permite a elaboração de um dos movimentos filosóficos mais influentes do século passado, a saber: a fenomenologia.

Durante a segunda metade do século XIX e os primeiros anos do século XX se propagou na Europa o espírito positivista, um enaltecimento sem precedentes das ciências empíricas – acompanhada de uma rejeição sumária da metafísica –, e com ele uma aversão de todo discurso que não estivesse em consonância com essa metodologia (cf. Russ, 2015, p. 400). No entanto, essa postura, por falta de competência metodológica da abordagem positiva do pensamento natural, tem como corolário uma limitação dos trabalhos científicos, ficando nítido que “entre o discurso especulativo da metafísica e o raciocínio das ciências positivas deve, pois, existir uma terceira via, aquela que antes de todo raciocínio colocaria-nos no mesmo plano da realidade” (Tripicchio, 2003, p. 232).

A fenomenologia é um método que tem por desígnio restabelecer o status da filosofia, de rerepresentá-la como aquela que desenvolve os fundamentos – os conceitos basilares – dos trabalhos científicos. Nesse sentido, a fenomenologia do conhecimento se configura como a ciência dos fenômenos que envolve a natureza da inteligência consciente em um duplo sentido: 1) um estudo das capacidades cognitivas entendidas como fenômenos (*Erscheinungen*), uma atividade da consciência em que se autorepresenta – nas quais as manifestações de alguns, de modo ativo ou passivo, se tornam conscientes; 2) e uma ciência destas mesmas objetividades à medida que se apresentam deste modo (cf. Husserl, 2006, p. 35).



Nesse sentido, Husserl (2006) vai elaborar uma pretensa ciência das essências, um método que garanta tanto o conhecimento dos fenômenos², quanto à descrição das relações entre essências. O método inicial é a redução fenomenológica ou *epoché*³, um exercício mental semelhante à dúvida hiperbólica cartesiana, cujo objetivo do filósofo é delinear o conceito de *ego* transcendental⁴ (cf. Russ, 2015, p. 400). Assim, a redução fenomenológica se caracteriza por ser fundamentalmente transcendente – não é um dado imanente – no sentido de estabelecer uma nulidade a sua existência, não devemos considerar, num primeiro momento, a sua validade. O conhecimento é interpretado apenas como fenômenos, e não como verdades patenteadas, cujo posso lançar mão e utilizar como premissas ou hipóteses – a exemplo da psicologia e toda ciência da natureza (cf. Husserl, 2006, p. 26).

De acordo com Husserl (2006), essa postura pretende excluir da análise inicial da fenomenologia aquilo que é denominado de imanente incluso, i.e, todo conhecimento empírico internalizado, e que deixa remanescente apenas o *ego* transcendental (cf. Husserl, 2006, p. 28). Na sequência, o filósofo vai delinear a relação entre fatos e essências na qual irão emergir conceitos basilares da sua fenomenologia, tais como a *intuição eidética* – uma nova característica do sujeito cognoscente – e a *intencionalidade*. De certo, a resposta à pergunta “como é possível a apreensão, pela consciência, do universal a partir de intuições particulares?” é bastante complexa, e Husserl demonstra estar cômico disto.

Quando examinamos os casos em que se manifesta o universal, ou seja, as situações em que – baseada em um aspecto intuitivo e representativo – se manifesta uma consciência fundamentalmente imanente dessa universalidade, essa complexidade se evidencia. Na experiência de uma ou várias intuições singulares (a percepção de uma cor verde, por exemplo) mantenho a pura imanência e aplico a redução fenomenológica. Em seguida, recorro ao significado comum da cor verde, ao modo transcendental que ele é percebido –

² Do grego *Phenomenon* – o mesmo que aparência. Nesse sentido o fenômeno é a aparência sensível que se contrapõe à realidade, podendo ser considerado manifestação desta, ou que se contrapõe ao fato, do qual pode ser considerado idêntico (cf. Abbagnano, 2007, p. 436).

³ A *epoché* consiste numa suspensão momentânea da “atitude natural” (*natürliche Einstellung*) com a qual nós nos relacionamos com as coisas do mundo. Isso consiste em deixar provisoriamente de lado todos os preconceitos, teorias, definições, etc., que nós utilizamos para conferir sentido às coisas (cf. Abbagnano, 2007, p. 339).

⁴ O sujeito cognoscente na perspectiva de Husserl.



como o verde das árvores, por exemplo – e nessa percepção consigo vislumbra o aspecto mais puro e que me permite conceber o sentido do pensamento da cor verde em sua generalidade, o verde *in specie*, aquele verde universal observado visualmente nas coisas. Portanto, observamos que a singularidade não apresenta uma postura “objetivante”, não contemplamos esse ou aquele objeto verde, mas o verde em geral (Husserl, 1992, p. 85).

Nas linhas que se seguem, tentaremos dirimir essa complexidade inerente ao pensamento husserliano. Na primeira parte vamos analisar a crítica direcionada à abordagem positivista que culmina na construção de um sistema que permite caracterizar a fenomenologia como uma ciência das essências. Em seguida, vamos abordar o método fenomenológico em toda sua dimensão teórica. Finalmente, iremos nos debruçar sobre a principal característica da consciência apontada por Husserl – a intencionalidade – uma das principais implicações da teoria husserliana. Com este intento esperamos contribuir para o bom entendimento da fenomenologia de Husserl, e demonstrar a sua relevância para a história da ciência contemporânea.

1. A NECESSIDADE DE UMA CIÊNCIA DAS ESSÊNCIAS

Em seu texto *A ingenuidade da ciência*⁵ Husserl (2009) procura desconstruir o difuso discurso positivista, uma apologia ao cientificismo, que se adjudicou à psicologia os objetos de estudo da filosofia – mais precisamente a reflexão sobre a lógica e a epistemologia – configurando aquilo que ficou conhecido como psicologismo.

No entanto, a incursão do psicologismo direcionado à filosofia se torna inócua, pois as incongruências metodológicas do psicologismo são explícitas. A esse respeito, Husserl (2009, p. 663) coloca a afirmação de forma clara e vigorosa:

Não estamos aqui o mais claramente diante do paradoxo de que o psicólogo tematize a razão e a não-razão, de que ele, enquanto psicólogo, pressuponha possuir razão, a fim de poder conhecer a razão como sendo razão e não-razão como sendo não-razão?

Assim, o resultado do chauvinismo cientificista que tomou conta da psicologia limitou-a profundamente. A rigor, se o conhecimento é oriundo de atos mentais – e esses

⁵ Do original alemão *Die Naivität der Wissenschaft* – consiste em notas de trabalho escritas por Husserl, provavelmente no outono de 1934.



atos são extremamente subjetivos – a possibilidade de conhecimento objetivo se torna nula. Como toda ciência empírica, a psicologia examina e explica fatos observáveis, mas não oferece os seus fundamentos, pois, estes não são observáveis (cf. Husserl, 2006, p. 46). Ao reivindicarem para si o debate sobre as condições de possibilidade de conhecimento, os psicólogos esbarraram em um grande problema metodológico. Essa forma de fazer psicologia estava fadada ao fracasso.

Nesse contexto, a abordagem fenomenológica se propõe delimitar o alcance gnosiológico e os atributos da ciência positiva, ou seja, é uma intenção de engendrar uma ciência que analisa “as dimensões de questionamentos concernentes à razão, à subjetividade produtora, que devem ser questões relativas ao conhecimento, mas que não podem ter lugar em nenhuma ciência positiva” (Husserl, 2009, p. 663), pois, a postura positivista não tem capacidade de analisar os fundamentos da racionalidade – já que esta é tomada por ela como um pressuposto apodítico –, ou seja, não se questiona a capacidade da razão de conhecer. Além disso, a “ciência é uma prática. Vivê-la simplesmente significa estar direcionado exclusivamente aos seus respectivos questionamentos e finalidades, no caso os científicos, a fim de efetivá-los, na certeza atual de sua capacidade e de seu poder” (*Idem*).

Nessa perspectiva, é preciso edificar uma ciência que se ocupe com a elaboração dos fundamentos epistemológicos. A psicologia, enquanto ciência positiva, não pode agregar no seu círculo de objetos de pesquisa aquilo que foi delegado à filosofia (cf. Russ, 2015, p. 404). Em termos de análise das condições de possibilidade de conhecimento – estudo da lógica e da epistemologia – estas devem permanecer sob a tutela e as ponderações da filosofia e sua judiciosa metodologia fenomenológica.

Assim, fica evidente que “a reflexão gnosiológica origina a separação da ciência natural e filosofia. Unicamente por ela se tornar patente que as ciências naturais do ser não são ciências definitivas do ser” (Husserl, 2006, p. 46). A limitação epistemológica – a ingenuidade da ciência – nos salta aos olhos e proporciona a necessidade de uma ciência das essências, uma filosofia como ciência rigorosa que lhe garanta as bases para a realização dos trabalhos científicos.



De acordo com Husserl (2008, p. 08) “a disciplina que poderá fundamentar a lógica é a fenomenologia” que pode ser descrita como uma espécie de sinonímia da filosofia, um genuíno método de crítica do conhecimento. Ela é o regresso às essências das coisas que intenciona evitar a verbosidade e direcionar os trabalhos da filosofia para fundamentação científica (cf. Tripicchio, 2003, p. 232). Podemos entender que é nesse sentido que o filósofo afirma que “é necessária uma reconstrução radical que satisfaça a ideia da filosofia como unidade universal das ciências na unidade de uma fundamentação absolutamente racional” (Husserl, 1992, p. 02).

Tal filosofia se caracteriza como uma ciência das essências. Mas como Husserl inicia essa ciência? Qual é o seu método preliminar? Como a fenomenologia se propõe analisar os fundamentos das ciências positivas?

Em termos concretos, Husserl (2006) sugere a atitude transcendental⁶. Devemos deixar suspensos nossos juízos sobre a realidade, uma suspensão de todo conhecimento admitido até então. Não se trata aqui de negá-lo, mas de verificar o que subjaz a esse método para que sirva de primeiro elemento indubitável dessa nova ciência (cf. Husserl, 1992, p. 15). Esse é o desígnio da *redução fenomenológica* ou *epoché* – “trazer à luz um fenômeno puro, a pura *cogitation*” (Husserl, 2006, p. 71 – grifo nosso).

Não há como negar que o pensamento de Descartes foi substancialmente reproduzido por Husserl, já que “desenvolveu sua pesquisa fenomenológica no interior de um arcabouço aproximadamente cartesiano” (Churchland, 2004, p. 142), tornando evidente a existência de uma similaridade entre a sua redução fenomenológica e o método cartesiano – mais precisamente a dúvida hiperbólica –, mas Husserl (1992, p. 10) faz uma ressalva que o distancia de Descartes:

Com efeito, em vez de avaliar o *ego* como simples proposição apodítica e como premissa absolutamente fundante, dirigimos nossa atenção para o facto de que a *epoché* fenomenológica nos desvendou [...] com o eu sou certamente apodítico,

⁶ Também denominada por Husserl de atitude natural (*Natürlicher Einstellung*) – é a atitude segundo a qual nos tornamos observadores imparciais, a uma espécie de neutralização das intencionalidades ou vivências que estamos refletindo, que estamos examinando (cf. Abbagnano, 2007, p. 89).



uma nova e infinita esfera de ser e, claro está, como uma esfera de uma nova experiência, de uma experiência transcendental.

O resultado da redução fenomenológica, portanto, é o entendimento de que a subjetividade é autoevidente – e não só isso, “mas justamente por isso, também a possibilidade de um conhecimento empírico transcendental, mais ainda, de uma ciência transcendental” (Husserl, 1992, p. 10).

Segundo Husserl (2006), com a redução fenomenológica livramos a consciência da incômoda qualidade de enigmática, que é a fonte de todos os argumentos céticos. A ilação aqui presente é de uma retomada da valoração do sujeito cognoscente. Assim, fica evidente que a redução fenomenológica é a pedra angular da fenomenologia. Ao passo que:

lançamos já a âncora na costa da fenomenologia, cujos os objectos estão postos como existentes, da mesma maneira que a ciência põe os objectos da sua investigação; não estão postos como existências num eu, num mundo temporal, mas como dados absolutos captados no ver puramente imanente (Husserl, 2006, p. 72).

Nesse sentido, a fenomenologia é o estudo do que se manifesta à consciência e em que limite se manifesta. Desta forma, podemos tomar a consciência como o fundamento de toda realidade, o que permite a cópula entre a essência e o fenômeno (cf. Husserl, 2006, p. 46). Ela é uma ferramenta indispensável, da qual não se pode prescindir se quiser construir uma ciência dos fundamentos gnosiológicos, que não abre precedentes para se abster da tutela da filosofia.

2. O MÉTODO FENOMENOLÓGICO COMO FUNDAMENTO DAS CIÊNCIAS

Para a elaboração do sistema fenomenológico foi preciso retomar um diálogo reestruturante com o cartesianismo e o idealismo kantiano, estabelecendo retificações em pontos específicos dessas teorias (cf. Russ, 2015, p. 411): em relação à *res cogitans*⁷ deixa claro que não se trata de uma substância, mas de uma atividade racional. Nesse sentido, fica “evidente que o seu ser precede gnosiologicamente todo o ser objectivo” (Husserl, 1992, p. 10). Na redução fenomenológica, que resulta no *ego* transcendental, se tem uma espécie de divisão da consciência na qual se percebe que ela é intentada para o mundo – primeiro o

⁷ Coisa ou substância pensante – conceito cartesiano derivado da dúvida hiperbólica. Trata-se da primeira evidência que caracteriza o sujeito cognoscente da teoria de Descartes (cf. Russ, 2015, p. 143).



mundo é tomado como fenômeno; e na sequência analisamos a relação do espectador, transcendentalmente consciente, com o fenômeno (cf. Husserl, 1992, p. 15); já o *noumenon* kantiano⁸ é negado pelo fato da fenomenologia não se tratar de um idealismo que deixa indefinido o mundo da coisa-em-si. Sobre a limitação da teoria kantiana, Husserl (2006, p. 75) assevera:

De resto, recordereis aqui a famosa distinção kantiana entre juízos de percepção e juízos de experiência. A afinidade aqui é manifesta. Por outro lado, Kant não atingiu a intenção última da distinção aqui necessária, visto que lhe faltava o conceito de fenomenologia e de redução fenomenológica e porque não consegue desvencilhar-se totalmente do psicologismo e do antropologismo.

Diante deste diapasão, a abordagem fenomenológica não deixa pendente a controvérsia entre realismo e idealismo, pois, não toma o conceito de aparência – fenômeno – como uma inacessibilidade da coisa-em-si na perspectiva kantiana, mas como uma relação entre consciência e o mundo dos fatos (cf. Reale, 2006, p. 181).

Além disso, a fenomenologia seria “a autointerpretação do *ego* levada a cabo na pura evidência, e efetuada nesta, em concreção, leva a um idealismo transcendental” (Husserl, 1992, p. 33). Seu objetivo, portanto, é evitar as abordagens extremamente abstratas, promotoras de interpretações equivocadas da realidade e debates intermináveis, ou seja, chegar ao “ser da *cogitation*, mais precisamente, o próprio fenômeno cognoscitivo está fora de questão e livre do enigma da transcendência” (Husserl, 2006, p. 69). A esse respeito Husserl (1992, p. 37) complementa:

Temos, pois, e justamente no estágio superior das modernas ciências positivas, problemas de fundamentos, paradoxos, inteligibilidades. Os conceitos originários que, ao longo de toda ciência, determinam o sentido da sua esfera objectal e da sua teoria, brotam de modo ingênuo: têm horizontes intencionais indefinidos, são produtos de realizações intencionais incógnitas, exercidas apenas em grosseira ingenuidade. Isto vale não só para as ciências positivas, mas também para a lógica tradicional, com todas as suas normas formais.

Executando o método da redução fenomenológica chegamos à ciência transcendental e podemos agora “trazer assim à luz um fenômeno puro, a pura *cogitation*” (Husserl, 2006, p. 71), que nos permite a análise da primeira evidência, a saber: a consciência.

⁸ Enquanto Kant afirma a impossibilidade de acesso da coisa em si, Husserl defende a ideia de que a coisa-em-si está na mente – é um suporte da consciência (cf. Russ, 2015, p. 239).



De acordo com Husserl (2006), a partir da constatação de que a consciência⁹ é o único elemento remanescente da redução fenomenológica, identificamos as particularidades exclusivas da fenomenologia. O procedimento intuitivo é o “ideador” do mais estrito método filosófico – entendido como crítica da razão em geral. Portanto, isso implica que “a razão é conhecimento intuitivo, que se propõe justamente reduzir o entendimento à razão” (Husserl, 2006, p. 102). Resta agora examinar como a fenomenologia explica o modo da relação entre a consciência e o fenômeno.

Segundo Husserl (2006), a fenomenologia é uma ciência que não se limita a análise dos fatos. Nela percebemos uma valoração do sujeito cognoscente – entendido como consciência imanente qualificada para servir como ponto de partida da teoria do conhecimento (cf. Husserl, 2006, p. 50-51). De forma bastante eloquente, Husserl (2006, p. 49) contribui conosco:

Quem isto negar nada compreendeu do genuíno estado de problema da crítica do conhecimento e, por conseguinte, também não entendeu o que a filosofia realmente quer e deve ser, nem o que lhe confere a especificidade e a sua própria justificação, perante todo conhecimento e a ciência natural.

Para Husserl (2006), está claro que existe uma necessidade de firmar a filosofia como ciência do ser. Podemos agora admitir que o estudo do ser imanente deve ser a atribuição da metafísica – a filosofia transcendental de Husserl –, e direcionarmos os estudos metafísicos para a análise da essência do conhecimento da objetividade, de modo que ela se configure em “fenomenologia do conhecimento e da objectalidade cognitiva” (Husserl, 2006, p. 46). Pois, para o autor, a fenomenologia tem por objetivo uma ciência, proporcionar uma aproximação entre disciplinas científicas. No entanto, seu objetivo maior é oferecer a fenomenologia como um método e uma postura intelectual – uma postura intelectual e um método claramente filosófico.

Convém destacar que o método aplicado pela fenomenologia devolve o *status* da filosofia de fundadora dos pressupostos científicos – o que só é possível a partir do desenvolvimento do conceito de *intuição eidética*¹⁰. As teorias são dependentes de proposições que indiquem essências – que indiquem universalidade e necessidade –, mas

⁹ A consciência transcendental é a única coisa que subjaz a epoché (cf. Reale, 2006, p. 183).

¹⁰ Intuição de Essências – o que permite perceber os modos típicos do aparecer dos fenômenos (cf. Reale, 2006, p. 181).



existem proposições que induzimos empiricamente (cf. Reale, 2006, p. 181). Ao analisar esses tipos de proposições, Husserl identifica e diferencia “a intuição de um dado de fato e a intuição de uma essência” (Reale, 2006, p. 181). Somente a partir desta distinção é possível compreender a produção de conhecimento. Em suas palavras diretas estão que:

A questão não é por em movimento, como as ciências empíricas objectivas, a simples experiência é analisar inclusivamente o todo da experiência, mas rastrear as linhas da síntese intencional, como elas estão traçadas intencionalmente e segundo um horizonte, devendo nelas mostrar-se e, em seguida, desvelar-se os próprios horizontes (Husserl, 1992, p. 20).

Nesse sentido, o conceito de intuição eidética traz a ideia de “conhecimento dirigido para essências, para objectalidades universais” (Husserl, 2006, p. 79) e exerce na fenomenologia um papel de grande relevância – já que é um tipo de intuição que nos permite intentar e distinguir um dado de fato (cf. Husserl, 2006, p.83). Talvez um exemplo nos ajude a ilustrar esse ponto da teoria husserliana.

Considere que a realidade é o mundo dos fatos e os fenômenos estão a todo momento se mostrando para nós. Observo esta cadeira próxima a mim e a intuo, sua essência cadeira se revela imediatamente como fenômeno cadeira. O que há de essencial? A forma. O fenômeno é a imagem cadeira. A intuição da forma me permite perceber o fenômeno cadeira. Percebo o particular (o fenômeno) a partir do que há de universal (essência) nela (cf. Husserl, 2006, p. 03-04). Todavia, “formar juízo acerca de essências e estados-de-essências e julgar eideticamente, em geral, não é a mesma coisa” (Husserl, 2006, p. 06). Os juízos sobre essências são mais restritos, são eles que nos permitem fazer distinções entre fatos. Já os juízos de validade eidética geral são mais amplos e estabelece a diferença entre essências (cf. Husserl, 2006, p. 06-07). Contudo, algumas questões ainda não foram tratadas: qual é o conceito central da dinâmica do conhecimento dentro da fenomenologia husserliana? Quais são as suas características? A noção de intencionalidade husserliana se apresenta como a pedra angular de sua fenomenologia.

3. A CONSCIÊNCIA É INTENCIONALIDADE

Segundo Husserl (2006) para que seja possível assimilar o projeto fenomenológico, é fundamental conceber a consciência como intencionalidade. Nesse sentido, a consciência é



a atividade que proporciona o encontro entre o sujeito e o objeto, mas é preciso assimilar bem o conceito de sujeito. De acordo com o filósofo, com a redução fenomenológica a consciência chega à categoria de imanente, e, nesse sentido, adquire um entendimento distinto do modo como pensava Descartes¹¹. Na relação entre o fenômeno e a *cogitation* (consciência) identificamos duas características: 1) o conhecimento intuitivo é imanente – já que a consciência não é uma substância¹²; e 2) os conhecimentos produzidos pelas ciências são transcendentais – já que existe uma dependência de uma apreensão dos objetos pela consciência (cf. Husserl, 2006, p. 23). Com efeito, essa imanência da consciência se caracteriza por intentar as coisas, i. e, uma “compreensão do *caráter intencional* dos estados de nossa mente” (Churchland, 2004, p. 142).

Consoante Husserl (2006), o sujeito é um ato que se configura em um fato enquanto ação da redução eidética¹³, inferindo-se daí que a consciência se constitui em um processo dinâmico numa relação interdependente com o fenômeno. Assim, para o psicólogo fenomenológico, a essência só possui realidade introspectivamente, i. e, ela não atribui significado externamente para depois serem apreendidos, haja vista que o método fenomenológico canaliza sua análise para o dinamismo inerente à consciência, que dá significado ao mundo. A esse respeito Husserl (2006, p.103) pondera:

A consciência que vê – prescindindo da atenção – são actos de pensamentos formados de tal e tal modo, e as coisas, que não são actos do pensamento, estão, no entanto, neles contidas, vêm neles a dar-se; e, por essência, somente assim constituídas se mostram como aquilo que elas são.

Em termos concretos, a consciência se mostra como fenômeno agindo intuitivamente, ou seja, se torna um fenômeno na sua canalização para alguma coisa, de forma tal que a “propriedade fundamental dos modos da consciência, que o eu vive como eu, é a chamada intencionalidade” (Husserl, 1992, p. 12). Dito de outro modo, a intencionalidade deve ser entendida em termos de ação (percepções, imaginação, especulações, volições, paixões, etc.) com a qual se visa algo, ou seja, esta ação é a consciência de um objeto, seja ele real, ideal, existente ou imaginária.

¹¹ O exercício da dúvida hiperbólica leva Descartes a sua primeira conclusão, sua primeira verdade, a intuição da substância pensante – denominada *res cogitans* (cf. Russ, 2015, p. 142-43).

¹² Segundo Descartes “a mente e a matéria são igualmente reais (Churchland, 2004, p. 142).

¹³ Eliminação dos elementos empíricos variáveis do dado concreto, de maneira a chegar à essência pura (cf. Russ, 2015, p. 400).



De fato, ter consciência é direcionar nossa atenção para algo, para um fenômeno, ou seja, a natureza da consciência é presentificar um fato. A esse respeito Husserl (2006, p. 83) é explícito:

As vivências cognitivas – e isto pertence à essência – têm uma *intention*, visam (*mainen*) algo, referem-se de um ou outro modo, a uma objectalidade, mesmo se a objectalidade lhes não pertence. E o objectal (*Gegenständlich*) pode aparecer, pode ter, no aparecer, um certo dar-se, enquanto que ele, não obstante, não está como ingrediente (*Reell*) no fenômeno cognitivo, nem é em mais nenhum sentido *cogitation*.

Assim, uma vez estabelecido o objeto ideal, o *noema*¹⁴, o procedimento seguinte é submetê-lo à redução eidética, uma redução à ideia. Consiste em uma análise do pensamento propriamente dito objetivando a sua essência.

Portanto, a intuição eidética¹⁵ é consciência de algo, de um fato e, por assim dizer, intencionalidade (cf. Husserl, 2006, p. 03-04). Nesse sentido, temos a não passividade do sujeito que conhece, pois, estamos diante da ilação de que a *noese*¹⁶ é uma atividade intuitiva intencional e, além disso, “não importa se a intuição individual seja de tipo adequado ou não: ela pode ser convertida em visão de essência, e esta última, quer seja adequada de maneira correspondente, quer não, tem o caráter de um ato doador” (Husserl, 2006, p. 04). O conhecimento por intuição se distingue do conhecimento que é engendrado por inspeção de dados. No que tange às verdades, são aplicadas do modo como se manifestam, e, diante delas, o *ego* transcendental reconhece a sua evidência e sua independência de outras. Portanto, a intuição alcança a essência do fenômeno, de tal modo que o sujeito passa a vivê-la (cf. Trapicchio, 2003, p. 233).

Contudo, a fenomenologia não se limita a estudar apenas *noema* (som, cor, etc.) e fenômenos (simpatia, pudor, etc.) ela também explorar e descrever as ontologias regionais¹⁷ (cf. Reale, 2015, p. 183). Ela também realiza conhecimentos de essência independente de todo conhecimento de fato. A esse respeito Husserl (2006, p. 05) aduz:

¹⁴ Do grego *noêma* (pensamento) objeto intencional visado pela consciência (cf. Russ, 2015, p. 400).

¹⁵ Calcada na *Redução Eidética*: uma espécie de recondução ao resíduo fundante, do nosso próprio existir, na esfera individual e coletiva do próprio ego (cf. Russ, 2015, p. 400).

¹⁶ Do grego *noêsis* (faculdade de pensar) o próprio ato da consciência ou do conhecimento que visa o objeto (cf. Husserl, 2006, p. 03-04).

¹⁷ Estudo das relações entre essência que culminará na fundamentação da lógica e da matemática. Conferir (cf. Reale, 2006, p. 183).



Assim como todo pensamento, toda enunciação acerca de fatos precisa ter sua fundação na experiência (já que esta é necessariamente requerida pela essência do acerto de tal pensamento), assim também o pensamento acerca de essências puras – pensamento sem mistura, que não vincula fatos e essências – precisa ter a apreensão intuitiva de essência como seu alicerce de fundação.

Nesse sentido, a consciência refere-se efetivamente às essências ideais e com isso pode estabelecer uma “análise dos modos típicos em que se apresentam os fenômenos” (cf. Reale, 2006, p. 182), bem como, referir-se às diferenças das proposições da matemática e da lógica. Além desses objetos de análise, a fenomenologia canaliza sua indústria para a descrição da natureza, da sociedade, da moral e da religião. Assim, emerge aqui uma das primeiras atribuições da fenomenologia, que é o de:

elucidar esse puro reino das essências, segundo os diversos domínios ou regiões que elas permitem pensar independentemente da própria existência dessas regiões: ou seja, a região natureza, compreendendo os fenômenos reais ou possíveis de que tratam as ciências da natureza; a região “espírito”, compreendendo os fenômenos que tratam as ciências humanas; a região “consciência”, compreendendo todos os atos de consciência sem os quais nenhum acesso nos seria dado às outras regiões (Tripicchio, 2004, p. 234).

Diante do exposto, ao intuir uma essência obtemos um conhecimento imediato do objeto, ou sua visão direta – uma visão dirigida, clara e concentrada – a verdade ou o princípio de natureza física, racional, artística ou ética. Assim, o método fenomenológico de Husserl procura uma compreensão das condições de possibilidades que permitem ao ser humano agregar experiência, fazer uma interpretação do mundo e atuar dentro dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fenomenologia husserliana se mostra como um método inovador e de extrema relevância para a continuidade das pesquisas da ciência da natureza, e é condição de possibilidade de realização dos trabalhos das ciências humanas. Ela, ao explorar o conceito de intuição, delinea o significado da existência do homem, ou seja, vai se preocupar com as sutilezas da vida humana (cf. Reale, 2005, p. 181). Nesse ínterim, o princípio básico do *Ser* do homem, segundo o modelo fenomenológico, ganha nova roupagem – já que não pode ser simplesmente reduzido a qualquer arquétipo que viole o ser humano como ele se apresenta no cotidiano.



Nesse sentido, o método fenomenológico corrige a negligência das análises dos fundamentos do pensamento natural patrocinado pelo cientificismo e pelo psicologismo. A relevância da fenomenologia reside no fato de que, ao oferecer e explicar os conceitos e premissas fundamentais que, dado seu caráter propedêutico, estabelece a condição de possibilidade das ciências objetivas. Portanto, a fenomenologia é também uma ciência, mas em um sentido diverso e apresenta um método completamente diferente daquele observado nas ciências empíricas (cf. Husserl, 2006, p. 87).

De acordo com essa abordagem filosófica “é um postulado da fenomenologia que o fenômeno seja lastreado de pensamento, que seja *logos* e fenômeno” (Tripicchio, 2003, p. 233). Ela é uma corrente da psicologia, com raízes filosóficas, que analisa o comportamento humano a partir das experiências individuais, considerando aspectos significativos da existência tida como potencialidades. Suas linhas limítrofes a impeli de uma análise da realidade – os fenômenos ou as “coisas mesmas” – antes de qualquer raciocínio. Essas realidades são munidas de essências, que precisam ser intuídas, e não simplesmente desvelada (cf. Husserl, 2006, p. 03).

Além disso, o método fenomenológico, como descrição dos fatos, entende que todo fenômeno admite uma forma e pressupõe necessariamente um *eidó*, o que permite atribuir significado ao fato por meio da linguagem que dá margem à possibilidade dele ser descrito pela consciência que se ponha em sua presença (cf. Tripicchio, 2003, p. 234).

A fenomenologia husserliana se configura assim em uma das mais contundentes teorias psicológicas, mas que não está imune às críticas. O cerne do problema do método fenomenológico é o mesmo de várias outras correntes psicológicas, é o seu *Quid*, aqui identificado como consciência e sua interpretação não empírica. O comentário de Churchland (2004, p. 143) a esse ponto da teoria esclarece e identifica a limitação da fenomenologia:

Se todo conhecimento é inevitavelmente uma questão de construção conceitual e de interpretação especulativa [...], então, ao que parece, o “acesso especial” à “natureza essencial” da mente, buscado pelos fenomenólogos, não passa de um sonho, e os métodos-padrão da ciência empírica constituem a única esperança que a mente tem de chegar a compreender a si mesma.

No entanto, isso não destitui a importância da fenomenologia, pois, o mesmo autor assevera que “isso não necessariamente exclui a admissão dos julgamentos introspectivos



como dados para a ciência” (Churchland, 2004, p. 143), e, por assim dizer, a fenomenologia se mantém nas fileiras das teorias basilares para o desenvolvimento dos trabalhos científicos – o que não nos permite descrevê-la como “um estatuto epistemológico especial ou exclusivo” (Churchland, 2004, p. 143).

Na tentativa de responder ou evitar as críticas, Husserl trabalhou até onde pode em uma definição do que chamou *redução transcendental*¹⁸, mas não chegou a estabelecer um entendimento muito claro desse conceito. A rigor, seria a *epoché* aplicada ao próprio eu, uma interpretação que induz a introspecção solipsista que se identifica como ser empírico, não material, mas real, a consciência pura que é a geradora de significado (cf. Russ, 2015, p. 401).

Não obstante, Husserl deflagrou importantes críticas ao psicologismo, logicismo e ao historicismo, mas não devemos assimilar a sua abordagem fenomenológica calcada em aparições de certas condições históricas, mas perceber as motivações que a delimitam enquanto atividade filosófica peculiar.

A fenomenologia propõe um retorno "às coisas mesmas", ou seja, à experiência vivida e à forma como os fenômenos (objetos, conceitos, ideias) se apresentam diretamente à consciência. Para Husserl, antes de formular leis lógicas ou sistemas formais, é preciso investigar como os atos de pensar, julgar e inferir se dão na experiência consciente. Ao investigar as vivências originais e as estruturas constitutivas da consciência, oferece a base mais profunda e essencial para compreender a natureza e a validade da lógica, elevando-a para além de um mero formalismo. É um convite a ir à raiz do próprio ato de pensar logicamente.

¹⁸ Embora Husserl deflagre uma crítica contundente contra o logicismo, o psicologismo e o historicismo, não é possível assimilar a Fenomenologia husserliana se nos limitarmos a algumas condições históricas, mas nos atermos também nas motivações que a delimitaram enquanto atividade filosófica e que impuseram a esta atividade sua forma particular.



REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CHURCHLAND, P. M. *Matéria e Consciência: uma introdução contemporânea à filosofia da mente*. Trad. de Maria Clara Cescato. São Paulo: UNESP Ed., 2004.
- HUSSERL, E. *Conferências de Paris*. Trad. António Fidalgo e Artur Mourão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 1992. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/husserl_conferencias_de_paris.pdf> Acesso em 25 de agosto de 2020.
- _____. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Trad. M. Suzuki. Aparecida, SP: Idéias & Letras. (2006).
- _____. *A Ideia da Fenomenologia*. Trad. Artur Mourão. Lisboa – Portugal: Edições 70. 2006.
- _____. *A ingenuidade da ciência*. Trad. Marcella Marino M. Silva, São Paulo; Revista Scientiae Studia. 2009. v7 (Pag. 659-66).
- REALE, G. *História da filosofia, 6: de Nietzsche à escola de Frankfurt*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo, Paulus, 2006. (coleção História da | Filosofia 6).
- RUSS, Jaqueline. *Filosofia: os autores, as obras*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ, Vozes, 2015.
- TRIPICCHIO, A.; TRIPICCHIO, A. C. *Teorias da mente*. São Paulo. Tecmedd. 2004.